

Rodolpho von Ihering e alguns documentos raros sobre a nomenclatura zoológica científica e popular em português do Brasil

Fernando Costa Straube

Os nomes latinos, associados à dificuldade de comunicação entre cientistas e leigos, sempre foram importantes obstáculos para a popularização das ciências. Um dos mais interessantes debates sobre esses temas, vagamente lembrados em biografias e obras do gênero, refere-se à repercussão gerada pelo lançamento de dicionários da língua portuguesa e, conseqüentemente, de sua relação com a terminologia científica vigente.

No embate aqui apresentado encontra-se, de um lado, o português Antônio Cândido de Figueiredo (1846-1925), um dos mais destacados filólogos da língua portuguesa (Holtus *et al.*, 1994; Fonseca, 1998; Straube & Seripierrri, 2007) e Rodolpho Theodor Wilhelm Gaspar von Ihering (1883-1939), famoso zoólogo brasileiro e autor de centenas de artigos técnicos e de divulgação científica, dentre eles o clássico "Dicionário dos Animais do Brasil", bem como o "Atlas da Fauna do Brasil" (1907), convertido depois no livro "Da vida dos nossos animais: Fauna do Brasil" (Nomura, 1997).

Em 1899, Cândido de Figueiredo lançou o "Novo Dicionário da Língua Portuguesa" (NDLP), depois reeditado e revisado em diversas versões (Fonseca, 1998). O autor foi fortemente criticado por suas idéias ortodoxas e inflexíveis, tanto em Portugal quanto no Brasil (Vasconcelos, 1891a,b; Nascentes, 1921 e subsequentes; Velloso, 2005); neste País, vários intelectuais contemporâneos consideravam inaceitável a carência de pesquisadores dos vários campos do conhecimento na preparação de dicionários da língua portuguesa, destacadamente com relação às ciências naturais (*cf.* Taunay, 1914, 1924, 1925a, 1926, 1927, 1928, 1932; Ihering, 1916, 1917).

No presente estudo, procedi uma transcrição brevemente comentada sobre alguns dos artigos de von Ihering a respeito da terminologia científica e sua relação com a língua portuguesa. Por se tratarem de obras raras e, portanto, de acesso restrito, transcrevi o seu conteúdo *ipsis litteris* em anexos, deixando o julgamento a critério do leitor.

ANÁLISE DOCUMENTAL

1916: RODOLPHO VON IHERING
CRÍTICA CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Ao que tudo indica, Ihering teve em mãos a segunda edição (1913) do NDLP, sobre o qual

lança críticas de conteúdo, quanto à grafia e aos conceitos de nomes zoológicos em português (Ihering, 1916) (Anexo 1). Com duras intervenções, inicia questionando o hábito de "deslatinizar" termos técnicos adaptando-os ao português, segundo ele, sem a menor utilidade para a linguagem não-técnica. Prossegue oferecendo exemplos selecionados do NDLP, colhidos de acordo com a incoerência ou equívocos, à luz da Zoologia contemporânea.

A importância histórica - suponho - está no fato de tais discordâncias terem funcionado como estímulos para que ele publicasse a primeira versão de sua obra-maior, o "Dicionário da fauna do Brasil ou Definição zoológica dos nomes vulgares dos animais do Brasil" (1914); esse estudo, originalmente divulgado pelo "Almanaque Agrícola Brasileiro", converteu-se em um livro amplamente utilizado até os dias de hoje: "Dicionário dos animais do Brasil", com três edições, datadas de 1940 (Diretoria de Publicidade Agrícola de São Paulo), 1968 (Editora da Universidade de Brasília) (Nomura, 1997) e, finalmente, 2002 (Editora Bertrand).

Parece claro que Ihering repudiava o fato de que as sucessivas edições do NDLP não levassem em consideração as suas opiniões devidamente publicadas. Isso aparece em várias passagens, dentre elas Ihering (1968:25):

Já por outra ocasião glosamos os 'nomes zoológicos contidos nos Dicionários da língua portuguesa'. Lastimável é que o 'Novo Dicionário' de Cândido de Figueiredo não tenha sido expurgado neste sentido na terceira edição, de 1922, aumentando êle, pelo contrário, a lista dos erros aos quais então nos referimos"

Amaral (1916: nota de rodapé), uni-se na crítica a Cândido de Figueiredo, lembrando que, embora esse autor tenha considerado algumas variações de um mesmo vocábulo, acabou por tratá-las como palavras diferentes, na conceituação dos étimos:

"Por causa destas flutuações [entre fonéticas indígenas e portuguesas], acontece que alguns collectores de termos apanham apenas um ou duas das formas de um vocabulo, quando seria muito interessante, para o estudo phonetico e etymologico, conhecerem-se todas as que ocorrem. Outras vezes apanham



Rodolpho Theodor Wilhelm Gaspar von Ihering (1883-1939)

em diferentes ocasiões duas ou mais formas do mesmo vocabulo, sem definil-as claramente, e assim passam ellas a figurar nos lexicos como palavras distinctas. O dicionario do sr. Candido de Figueiredo, onde o autor se esforçou por ajuntar o maior numero de brasi-leirismos, recorrendo a quantas contribuições poude haver ás mãos, depara-nos frequentemente a mesma palavra sob diversas formas, - ou então as mesmas formas sob as enganadoras apparencias de graphias diversas. Por exemplo: [...]

CORIMAN, peixe do Tocantins

CURIMAN, peixe de agua doce

CORIMATAN, saboroso peixe do Tocantins;

CRUMATA', peixe de agua doce;

CURIMATA', especie de salmão;

(Em S.Paulo ha curimbatá, curumbatá, etc. que não figuraram na edição de 1899, a que nos reportamos)".

Essa série de artigos de Amaral que se transformaram em um clássico da língua portuguesa praticada no Brasil, foi elogiada por Ihering (1968:24-25) nos seguintes termos:

"A paciência e a erudição de Amadeu Amaral deram-nos a prova, em 'Dialeto Caipira', de que, apesar das muitas dificuldades dêsse estudo, é possível realizar obra, se não completa, ao menos muito próxima da perfeita representação gráfica da evolução do nosso falar".

DICCIONARIOS PORTUGUEZES

Já uma vez tive ocasião de apontar quanto são falhos os dicionários da língua portuguesa no que diz respeito aos vocabulários cuja de cuja definição requer algum conhecimento de zoologia; e como amostra citei então do Lacerda e do Seguíer quantos vocabulários comportavam as poucas columnas de uma nota ligeira - uma série de erros palmares, daquelles que infallivelmente acarretam bombas aos examinandos, já não direi do curso gymnasial mas das elementares *Lições de cousas*.

Entretanto um dicionarista tem responsabilidades, pois as suas definições são frequentemente invocadas nas discussões (mesmo dos Congressos) e pelo preço, ao menos, não é sciencia barata a que se compra por 50 ou 60 mil réis.

A esperança de que o novo "Candido Figueiredo", edição de 1913, refundido, corrigido, etc., nos proporcionasse melhores ensinamentos no ramo de minha especialidade, desfez-se logo á primeira consulta e uma analyse um pouco mais minuciosa dos vocabulários zoológicos forneceu a mesma lista de disparates que facilmente se colhe em qualquer dos outros dicionários da nossa lingua.

Mas será inevitável este mal commum? Certamente que não. E será só a zoologia que os dicionaristas maltratam por esta forma? Também não. Um exame, mais perfunctorio ainda dos vocabulários de botânica e de geologia, mostrad desde logo que o crítico encontra farta messe tambem nestes departamentos da sciencia, e dos medicos ouve-se igual queixa. Com relação á medicina não ha desculpa aceitavel: o *Littré*, constantemente modernizado, encerra tudo quanto os dicionaristas possam querer aproveitar. Em sciencias naturaes tambem não faltam os recursos literarios, ao menso em francez, allemão ou inglez, de onde se possam extrahir as boas definições.

Em vernaculo falta-nos quasi tudo, especialmente trabalhos completos que abrangam toda a materia; mas ainda assim... (naturalmente não vou agora dar a receita que usei para a confecção do meu "*Diccionario da Fauna do Brasil*" de 1913 e que talvez em breve, graças ao poder maravilhoso do charope - trabalho e dedicação: q.s. - será estampado em segunda edição).

Deixemos, no emtanto estas considerações e analysemos o mais moderno dos nossos dicionários da lingua portuguesa. O proprio auctor confessa na introdução que uma das suas maiores preocupações foi registrar vocabulários ainda não consignados nos outros lexicons. E de facto abundam as estrelinhas, que designam vocabulários

cem-chegados. Mas com que proveito para a lingua figuram ahi os nomes genericos de animaes e plantas, deslatinizados simplesmente por uma desinencia euphonica? Para o cientista tal vocabulo já não serve e o vulgo não o saberá utilizar com precisão quando se referir a uma especie rara, ou então, para as especies raras, já terá denominação consagrada, que ninguem irá abandonar em troca do neologismo. É aliás abuso de que sofrem tambem os outros idiomas; cumpre ponderar que, si um Larousse pode registrar taes nomes, um dicionario puramente linguistico os deve evitar, incluindo apenas os termos technicos que são realmente usados em linguagem commum.

Indiscutíveis, porém, e ás vezes engraçadas, são as seguintes definições, cujo numero poderia ser elevado talvez até um maximo de quasi toda a lista dos termos zoológicos do novissimo Dicionario.

AGUA-VIVA - diz o *D.* é o mesmo que *Alforreca* e esta vem explicada como "mollusco" de feitio de um brella, etc. portanto o *D.* se refere bem ao celeutera-do, que de mollusco só tem o ser molle.

BÔTO - "peixe" do Purús, do Tocantins e dos Açores, semelhante ao atum. quando todos sabem que o bôto é cetaceo e o atum é peixe semelhante á Sororóca ou ao Bonito (*Scombridae*).

CALAMAR - peixe da costa do Algarve.

Póde ser que no Algarve haja um peixe com tal nome, mas neste caso o *D.* omitiu o pequeno polvo (mollusco) de igual nome, e ao qual pertence a siba, cuja definição tambem figura nesta lista.

CARRAPATO - o mesmo que *Carraça*, e esta, segundo o *D.*, é um pequeno "crustaceo" que se prende á pelle, etc.

FURÃO - pequeno mamífero vermiforme que os caçadores empregam, etc. Ainda que o furão fosse inteiramente apode, a sua semelhança com um verme seria igual á do ovo com o espeto.

GOLFINHO - grande "peixe" da familia dos cetaceos. Portanto, as baleias tambem são peixes.

GIBOIA - a maior serpente do Brasil... quando mede no maximo um terço da *Sucury*. Felizmente o *D.* não copiou a etymologia de Lacerda, que reza: *gi-agua, boia-cobra*, quando a giboia sempre foge da agua

e só vive nos campos seccos (nos dois casos houve confusão com a *Sucury*).

JACÚ - ave gallinacea avermelhada;

JOÃO-DE-BARRO - ave amarella;

JOÃO-GRANDE - o mesmo que "gai-vota";

O *D.* acrescenta a cada um destes nomes que se trata de aves do Brasil - e portanto são bem os nossos velhos conhecidos, transfigurados apenas pelas definições.

JACARÉ DE OCULOS - (*Aligator sclerops*) jacaré inoffensivo.

É inoffensivo apenas quando fôge ou quando não nos póde segurar com os dentes, particularidades que aliás compartilha com qualquer outra fêra.

LACRAU - o mesmo que "escorpião"; - e sob *Escorpião* diz apenas: o mesmo que "lacrau".

Seria uma distracção perdoavel si á pag VI da introdução o *D.* não recriminasse o "respeitavel Moraes" e outros por terem definido mal este mesmo vocabulo!

LICRANÇO - diz o *D.* que os collegas erraram ao definir esta palavra;

mas a emenda sahiu peor ainda: a descripção não combina com o nome scientifico que acrescenta. "Amphisbaena" é o nome generico das "cobras de duas cabeças"; estas são caracterizadas sob "Amphisbena" (perdõe-se o "serpente" quando se trata de la-certilio), mas ahi o *D.* já não menciona mais o Licranço - vocabulo que vamos encontrar de novo sob "Cobra de vidro", o que aliás está certo.

LEPIDOSIRENOS - genero de peixe cuja unica especie é o "caramurú"

Está errado, porque os *Lepidosirenios* (aliás "Piramboia") são da Amazonia e do Matto Grosso e os *Caramurús* são as nossas morcias, um tanto semelhantes mas zoológicamente muitissimo diversas.

JEQUITIRANABOIA - borboleta venenosa do sertão.

Em tres palavras, tres erros: a *Jequitirana* não é borboleta, mas homoptero como as cigarras; não é venenosa nem só do sertão, porque já tiva ocasião de pegal-a com os dedos em plena rua 15 de Novembro, sem outra consequencia senão attrahir a curiosidade dos transeuntes, que, incumbidos da mesma credence como o *D.*, tinham o feio insecto em conta de venenoso.

LOMBRIGA - verme intestinal do genero das ascarides. Genero de anelideos que tem por typo a minhóca.

Dispensa commentarios, mas é a convicção do *D.*, como se verá tambem sob *Verme*.

MAMANGÁ - insecto diptero, cuja mordedura...

Não é diptero mas hymenoptero e não morde mas dá ferretoadas.

MARSUPIAL - genero de molluscos do grupo das medusas.

Tres animaes distinctos em uma só palavra; até parece cousa da sagrada escriptura.

MINHOCÃO - amplibio das lagôas do centro do Brasil.

Sempre o sêr lendario encontrou quem o classificasse!

MOLLUSCO - o *D.* diz ennumerar 6 classes aqui comprehendidas, mas a ultima

que menciona: "Cirropode", faz parte dos crustaceos, como o proprio *D.* o explica sob essa rubrica.

MUTUCA - mosca da região do Amazonas;

PREÁ - o mesmo que roedor;

PITÚ - peixe fluvial.

Sem duvida deve ser o nosso "pitú", o grande camarão dagua doce.

PIRARUCÚ - peixe do norte do Brasil, muito apreciado e de grandes dimensões, semelhante ao bacalhau.

Tal semelhança do pirarucú com o bacalhau só se verifica depois de ambos terem passado para a cathegoria de peixe secco!

SIBA - genero de mollusco que tem por typo o "chôco" vulgar - mas sob *Chôco* o *D.* ensina apenas: "peixe, o mesmo que siba".

TICO-TICO (Brasil) - passarinho de pa-po amarello;

TARTARUGA - animal amphibio, etc.

Poderia passar (isto é: reptil amphibiotico ou amphibiano) si o *D.* sob Batracios não nos procurasse convencer que os sapos são reptis! Assim será melhor dizer logo o que é certo, e classificar as tartarugas como reptis e os sapos como amphibios.

NIARA (o conhecido bôto da Amazonia)

é, segundo o *D.* o mesmo que "mãe d'agua", que vem explicado como sendo entidade lendaria.

VERME - Minhóca ou lombriga terrestre, (e depois de alguns synonymos): Cada um dos suppostos animalculos que corroem os cadaveres nas sepulturas.

R. VON IHERING

1917: RODOLPHO VON IHERING PROPÕE NORMAS EM PORTUGUÊS PARA O TRATO DE NOMES CIENTÍFICOS

Munido de farta literatura, Ihering resolveu, enfim, assumir um papel importante na normatização de nomes científicos e sua adaptação ao português. Buscando uma regularização, define sufixos para os vários níveis hierárquicos da classificação lineana, especialmente família e subfamília. Nesse sentido, é um dos primeiros autores - senão o primeiro - a se preocupar com o aporuguesamento do nome das famílias,

com a terminação "-ídeos", de forma a sempre indicar esse nível e, apenas para o animal, contrapondo-se às "plantas". Essa é a posição amplamente adotada (*vide* verbete correspondente: "-ídeo" em Houaiss & Villar, 2001), ainda que encontre opiniões discordantes, mais eruditas, de Moure & Travassos (1947) e Amaral (1976:60), que advogam a proparoxitonação com sufixo "-idas" para os nomes do grupo da família (p.ex. psitácidas, tirânidas etc).

De nosso conhecimento é também um dos primeiros artigos, feito por um brasileiro, indicando a maneira correta de se es-

crever o nome científico do grupo do gênero e da espécie, ou seja, ambas as palavras grifadas, sendo a primeira (gênero) com inicial maiúscula e a segunda (epíteto específico) com inicial minúscula. Nesse sentido, volta a incomodar o fato de Cândido de Figueiredo, em suas obras posteriores, não considerar alguns artigos relevantes e didáticos como esse. Em Figueiredo (1921:131-142), embora disserte longamente sobre alguns termos técnicos de botânica, ignora a sugestão de Ihering (1917) e prossegue grafando nomes científicos erradamente, p.ex. *Euphorbia Characias*, *citrus medica*, *panicum maximum*.

ANEXO 2. Transcrição de "Os nomes zoologicos em portuguez" (Ihering, 1917).

OS NOMES ZOOLOGICOS EM PORTUGUEZ

No texto explicativo do nosso *Atlas da Fauna do Brasil* á pag. XIV, dissemos o seguinte com relação á graphia dos nomes zoologicos em portuguez:

'Em rigor, a nomenclatura scientifica é sempre latina; os nomes genericos e especificos são universalmente enunciadados em latim, na mesma forma em que foram propostos pelos scientists que primeiro descreveram os animaes ou as plantas em questão. Assim, em qualquer lingua se dirá sempre: **Apis mellifica**, **Felis catus**, **Crotalus horridus**. Mas os nomes de familias, ordens, classes, etc., no decorrer da exposição, geralmente soffrem uma ligeira adaptação á lingua-gem commum, pela modificação do sufixo, de accordo com a indole de lingua

e segundo regras estabelecidas; a familia **Apidae**, em francez, diz-se "les Apidés", em alemão "die Apiden", em italiano "gli apidi". Como diremos em portuguez? Não houve ainda, nem em Portugal, nem no Brasil, quem estabelecesse as regras a observar em todos os casos, e dahi a lamentavel falta de uniformidade na graphia desses nomes quando usados pelos nossos autores.

Assim, referindo-se á mesma familia **Colubridae**, os nossos patricios escrevem, indifferentemente: Colubrinoes, Colubrinos, Colubridas, Colubrideos, Colubrideos. As duas primeiras formas são positivamente erradas, porque o sufixo **inae**, na boa nomenclatura, designa as subfamilias. Resta-nos optar por "idas", "ideas" "idos", "ideos". Preferi-

mos esta ultima forma, **ideos**, para os nomes zoologicos, reservando **ideas** para os nomes botanicos. Tambem as regras italianas adoptaram esta distincção, com optimo proveito, porque assim se reconhece desde logo se o nome se refere a plantas (no feminino) ou a animaes (no masculino).

Diremos pois, os **Colubrideos**, os **Apideos**, os **Arachnideos**. A estricta observação desta regra faz mais esta vantagem: sabe-se, pela simples desinencia, que os nomes **Arachnoides**, **Protozoarios**, **Rhizopodos**, **Flagellados**, não designam familias, mas sim categorias superiores, ordens, classes, etc.'

Essas poucas linhas tinham por fim, unicamente, esclarecer a norma adoptada, nes-

se trabalho, para a graphia dos nomes zoológicos. Como a generalidade dos autores de estudos sobre biologia, escriptos em portuguez, haviamos peccado, até aqui, empregando ora este ora aquelle suffixo dos muitos em uso para dar apparencia vernacula aos termos technicos zoológicos.

Rebuscámos as melhores revistas scientificas, nacionaes e portuguezas, e em todas ellas encontravamos, quasi de seguida, nomes de familias zoológicas aportuneguezados em todas as modalidades acima assignaladas. Os dictionarios, escriptos por leigos na materia, muito menos nos podiam valer. Estudamos, pois, a questão e fixamos uma norma para nosso uso.

Objecta-nos agora um amigo que Ramiz Galvão, no seu excellentissimo "*Vocabulario de palavras portuguezas derivadas da lingua grega*" (1909), resolvera a questão, fixando as desinencias a empregar. De facto, se tão conspicuo lexicographo tivesse não só firmado boa doutrina como dado radical applicação é mesma, seria contraproducente contrariarmos o que já estivesse estabelecido e que nos levaria á necessaria uniformidade de graphia dos nomes em questão. Examináramos, porém, em tempo, o trabalho do erudito mestre e, justamente por que não encontramos nelle a desejada norma unica, julgamo-nos no direito de proceder como fizemos.

Antes de analyzarmos este e outros bons trabalhos congeneres, modernos, vamos expôr rapidamente as normas universalmente observadas na terminologia latina dos zoólogos. Por serem muito praticas, convém acompanhar de perto taes normas ao se adaptar ao vocabulo tecnico á linguagem commum.

Os nomes das especies e dos generos geralmente não se traduzem; é uso generalisado dar o nome vulgar, seguido, entre parenthesis, dos nomes scientificos. Assim, querendo mencionar com toda exactidão qual a especie de mosquito que se encontra em certa região, diz-se por exemplo: "o mosquito rajado" (*Stegomyia fasciata*) - o nome genérico sempre com inicial maiuscula. É ocioso adaptar ao vernaculo os nomes genericos, porque, de duas uma: ou a especie é commum ou torna-se muito falada e assim obtem rapidamente denominação vulgar (como ainda ha pouco se deu com o "barbeiro") ou então ella só interessa aos scientificos, e estes se contentam com o bom nome latino; ao vulgo tão pouco adianta que se lhe diga *Theiristicus glasiouvi* ou "Testilo de Glasiouv", *Harpiprion* ou "Harpiprião", *Rhynchops niger* ou "Rhynchopo negro".

Para as categorias de subfamilias e familias, a nomenclatura latina fixou as desinencias *inae* e *idae*. Por exemplo: "A familia *Tyrannidae* abraça 4 subfamilias: *Tyranni-*

nae á qual, além de outros generos, pertence o gen. *Tyrannus*; *Taeniopterinae* á qual pertencem os generos *Taenioptera*, *Centrites*, etc., etc.". Estes nomes de familias e subfamilias, de acordo com o uso adoptado em todas as linguas, soffrem adaptação, e para tanto basta fixar qual o equivalente para os suffixos *idae* e *inae* em portuguez, a fim de podermos vulgarizar uniformemente todos os nomes zoológicos de igual categoria.

Para os nomes que designam classes e ordens, a nomenclatura scientifica não prescreve desinencias fixas e assim o respectivo vocabulo, ao ser traduzido, (ou, como diremos com mais propriedade, ao ser adaptado ao portuguez), pôde receber o suffixo que melhor se coadunar com a indole da lingua e que menos destoar da forma original. Com relação a estes vocabulos, uns 300 no maximo, seguimos, com poucas excepções, os ensinamentos de Ramiz Galvão; e se não adoptamos todos como o registra o seu Vocabulario, é porque preferimos, em muitos casos, o criterio de nos submettermos á *vox populi* que, em linguistica, nos parece ser o melhor mentor; estes casos controversos são, porém, poucos, e só serão resolvidos definitivamente quando soubermos se em portuguez devemos escrever *craneo* ou *cranio*, *antipode* ou *-poda*, *pachyderme* ou *derma* ou *dermo* - e então ficará também resolvido qual a graphia que substituirá a que adoptamos para *Acraneos*, *Arthropodos*, *Echinodermas*, etc.

Ramiz Galvão deixára assente (sob *Acanthidas*) que o suffixo "*idas*" deve ser a terminação correspondente, em portuguez, ao *idae* dos nomes de familias zoológicas do latim scientifico. Mas um rapido exame das primeiras letras do Vocabulario deu-nos ensejo para verificarmos que:

A) *aos seguintes nomes de familias zoológica* (e que portanto, segundo as normas estabelecidas pelo autor, deveriam terminar em "*idas*") foram dados outros suffixos:

Aclidios - familia de Mammaes
Atractosomos - familia de Peixes
Auchenopteros - familia de Peixes
Branchiopodes - familia de Crustaceos
Cantharidaeos - (como derivado de *Cantharidae*)
Catarhinos - familia de macacos
Cochlorhynchos - familia de Passaros
Conorhamphos - familia de Passaros
Coprophagos - familia de Insectos
Crotaloideos - (menciona tambem *Crotalidas*)
Cyclometopos - familia de Crustaceos
Dactylados - familia de Peixes
Diplopteros - familia de Insectos

Esparoides - familia de Peixes
Esteganopodes - familia de Aves
Estenelytros - familia de Insectos

B) *ha nomes de tribus, ordens e classes com a desinencia "idas"* (a qual no emtanto deveria ser reservada unicamente para os nomes de categoria de familias):

Adelostomidas - tribu de Insectos da fam. dos Collapt.
Amphipyridas - tribu de Lepidopteros
Anoplognathidas - divisão dos Insectos Coleopteros
Anchomenidas - subtribu de Coleopteros
Calycophoridas - subordem de Celerterados
Cystidas - classe de Echinodermos.

Talvez estes desvios da norma preconizada pelo proprio autor devam ser considerados simples lapsos - e tão facilmente ocorrerem elles em trabalhos fastidiosos como estes! - mas ainda assim é certo que o autor as vezes quasi põe em duvida a necessidade de se observar tão á risca essas regras de nomenclatura. Sob '*ASTACIDAS*' (familia de Crustaceos) diz a nota: É preferivel esta forma a '*astacites*'; sob '*MACTRICIDAS*' (familia de Molluscos) observa: '*C.Fig.º dá [ilegível no original] com terminação menos boa*', quando deveria dizer categoricamente: '*os nomes que designam familias zoológicas exigem o suffixo idas*'. Sob '*PERCOIDEOS*' - familia de Peixes chega mesmo a dizer: '*Tambem é aceitavel perdidas*', mostrando assim que não faz questão absoluta de uma terminação unica para todos os vocabulos dessa categoria.

Não encontramos no Vocabulario de Ramiz Galvão referencia especial ao suffixo escolhido para designar as subfamilias zoológicas ou botanicas; trata-se aliás de uma categoria de vocabulos que o não-especialista raramente emprega e assim são poucos os nomes de subfamilias registrados no Vocabulario. Citamos os que encontramos de prompto: *Anophelineos*, *Anthomyineos*, *Bombycineos*, *Dermanyssineos*, *Estrigopineos*, *Sarcophagineos*, com evidente predilecção pelo suffixo *ineos* para designar a categoria de subfamilia, correspondente, portanto ao suff. *inae* do latim scientifico. O mesmo suffixo, quando usado para nomes botanicos, figura no feminino, *ineas*.

Em nota ao vocabulo "*Actinocrinites*", Ramiz Galvão dá a entender que o suffixo *ites* é caracteristico dos nomes de fosseis. É preciso salientar, no emtanto, que o proprio autor reconhece não poder esta regra prevalecer em face das outras, estabelecidas para a nomenclatura zoológica geral (como se verifica sob "*Belemnitidas*" etc.) O que ha de fac-

to é o seguinte: Muitos nomes genericos de Cephalopodos fosseis foram formados pelos paleontologos com o suffixo *ites*, da mesma forma como em grande parte dos nomes especificos de Tineideos (traças) terminam em *ella* ('pelionella', 'ephestiella', 'cimotoella', etc.) - aliás a titulo de simples lembretes mne-motechnicos, que não lograram constituir preceito. No caso dos nomes de fosseis nem seria possivel estabelecer uma regra neste sentido, em vista dos innumerados generos de seres que devemos enumerar tanto na lista dos fosseis como da fauna ou flora hodierna.

O "*Lexico de Termos technicos e scientificos ainda não apontados nos dictionarios da lingua portugueza*", organizado por Aff. d'E. Taunay e publicado no Anuario da Escola Polytechnica de S.Paulo, 1909, pags 1 a 154 registra apenas os vocabulos zoolo-gicos recém-formados, de sorte que quasi todos são desconhecidos ao leigo. Muito folgamos em constatar que o autor adopta, como nós, as desinencias *ideos* e *ineos* como equivalentes a *idae* e *inae* do latim, quando applicados a vocabulos de zoologia; os mesmos suffixos, no feminino, foram reservados para os nomes botanicos. Em boa parte as incongruencias que notámos podem ser attribuidas a simples lapsos typographicos; comtudo é quasi constante o emprego do suffixo no masculino para familias de cogumellos e do suffixo *ideas* para familias de Celenterados, quando a regra tacitamente adoptada requer o contrario. O autor abusa da desinencia 'ideos', empregando-a em palavras de categoria superior á de familia. Vae nisto grave inconveniente, como mostra o seguinte exemplo, entre os muitos que poderiamos citar: "ANADIASTOTELE"- genero de arachnideos araneideos da familia dos liphistideos", quando deveria ser: "genero de Arachnoides Araneidas da fam. dos Liphistiideos". No ultimo vocabulo do exemplo citado vê-se que o autor observa a regra por nos formulada sob II) a.

Em Pinheiro Chagas lemos: "mandrii'ce" e da mesma forma este vocabulo vem registrado nos Dictionarios de Aulete, Candido de Figueiredo, Gaspar A. Marques. é portanto bom portuguez e a formação do vocabulo corresponde perfeitamente á do nome de familia acima citado.

O Lexico de Taunay tambem registra e apontueza toda sorte de generos. Mais de uma vez já tivemos a occasião de externar nosso modo de vêr a respeito. Antes de tudo, pelo lado technico e pratico, é inconveniente apontuezar taes vocabulos. No caso dos nomes genericos quasi homographos, a adaptação ao portuguez pôde tirar-lhes a pequena differença existente, dando assim lugar á confusão. Exemplo: "Sphaenopus" e "Esphenops", apontueizados, dão ambos "Esphenopo". E ainda, encarando a questão

só pelo lado material, é impossivel fazer trabalho que seja ao menos apprximadamente completo. Basta lembrar que o "Nomenclator Zoologicus" de Scudder, editado em 1880 ou 82 assáz incompleto, e que registra, com toda sorte de abreviaturas os nomes de generos e de categorias superiores, é um volume de suas 500 paginas; e para mantel-o em dia, o Zoological Record consagra anualmente 20 a 30 paginas á simples ennumeração dos nomes recém-formados. Isto só com relação "a zoologia; outros tantos nomes, isto é dezenas ou centenas de limhares ha a registrar para a botanica e a paleontologia - onde iriamos parar? E a quem aproveitaria tanto trabalho?"

Perccorremos toda a serie da "*Revista da Academia Brasileira de Letras*", em busca da orientação seguida neste particular pelos nossos academicos. Como é natural, poucos autores ahi tiveram ensejo do empregar a terminologia scientifica. No Dictionario dos Brasileirismos não encontramos criterio zoolo-gico que nos satisfizesse... Contudo verificamos que Arthur Orlando e Euclydes da Cunha citam na forma original, latina, os nomes dos seres aos quaes se referem com o proposito de definil-os: *anguis*, *anacardium humile* (Vol.4) "oiranas" (*salix humboldtiana*), Vol. 12.

José Verissimo, na sua classica "*Pesca na Amazonia*" procede de igual forma, porém mais correctamente, dando inicial maiuscula aos nomes genericos e minuscula aos especificos (*Manatus inunguis*, *Cichla brasiliensis*); em *Brycon Lundii* no entanto não resistiu á tentação de graphar o nome especifico com inicial maiuscula, em homenagem ao nome proprio. Devemos, porém, lembrar que o nome especifico, significue elle pela etymologia o que quizer, passou a ter uma só função - distinguir a especie em questão das outras congeneres - e assim submetete-se á regra geral, da mesma forma como se a conven'ção adoptada mandasse numerar os generos com algarismos romanos e as especies com algarismos arabes.

Os autores supra-citados apontueizam só os nomes genericos que por assim dizer já passaram para o dominio publico (megalosauro, brotosauo, Rev. cit., Vol.4). Assim diremos tambem: os Pithecanthropo, o Estreptococco, os Estegomyias e talvez mesmo os Papilios (já que essas borboletas se tornaram tão populares como o naturalista Mayer da Innocencia); mas ninguem irá usar em linguagem vulgar, apontueizados, nomes genericos como estes: *Homo*, *Coffea*, *Apis*, ou *Pediculus*, *Cebus*, *Mantis*, etc. Bem sabemos que nunca será possivel traçar os limites que devam separar estes dois extremos (já não nos referimos, está claro,

aos lexicons de termos technicos, mas sim aos dictionarios da linguagem commum). Ao nosso vêr não se pôde censurar o dictionarista que, propositadamente, deixar de incluir no seu vocabulario os termos usados unicamente pelos technicos em sua linguagem especial.

Nesta mesma revista (n. de fevereiro) o autor do artigo sobre "Cães e Veados" viu-se na contingencia de dar nomes scientificos ás especies indigenas de Cervideos. Para esta ultima palavra o A. escolheu desinencia fran-ceza (les cervidés) com graphia portugueza, isto é sem o accentto agudo. Seria esta mais uma variante a registrar como equivalente, em portuguez, ao *idae* da nomenclatura scientifica... Levaram inicial minuscula tanto os nomes genericos como os especificos; e esses nomes scientificos foram gryphados no mesmo typo como os nomes vulgares que o A. quiz pôr em evidência.

Graphariamos, pois, da seguinte forma a phrase final da pag. 148: - Os vocabulos... "veado" e "cervo" designam os nossos Cervideos - *Cervus paludosus*, *C.campestris*, *C.rufus*, etc.).

Vamos enfim resumir novamente, formulando as seguintes regras, que sujeitamos á apreciação dos doutos em materia de lexicographia portugueza:

I) *Os nomes patronymicos da terminologia zoologica, referentes a categorias superiores á de familia, não obedecem a regras fixas quanto á escolha da desinencia que os adapta ao lexicon portuguez.* Porém os vocabulos em questão:

- a) indicarão sempre o plural;
- b) nunca poderão ter as desinencias *ideos* ou *ineos*, privativas da categoria de familia e subfamilia;
- c) devem, o quanto possivel, indicar, pela desinencia, o genero masculino.

A lista mais completa, de taes nomes da nossa fauna, organizada de accordo com estas regras, encontra-se no indice scientifico do nosso *Atlas da Fauna do Brasil* e com relação ás palavras de origem grega, no *Vocabulario de Ramiz Galvão*. As divergencias existentes cabe ás Academias resolver, impondo a graphia definitiva.

II) *Os nomes de familias zoologicas, em portuguez, levarão invariavelmente o suffixo "ideos".*

- a) Accrescenta-se o suffixo ao radical, sem omissão de nenhuma letra deste, nem interposição de estranhas.

Quanto mais inflexivel a regra, mas facil sua applicação em todos os casos; além disto

torna-se facil, por esta forma, reconhecer de prompto o radical que deu origem ao vocabulo. Assim diremos "a familia dos Acanthideos" (radical *Acanthi*, do genero *Acanthia*; segundo a graphia adoptada por Ramiz Galvão, Acanthideos, o nome generico deve ser *Acantha*.)

III) *Os nomes de subfamilias zoologicas serão formados com o suffixo "ineos", respeitadas as mesmas normas indicadas sob II), a.*

IV) *Aos nomes genericos e especificos, por via de regra, não se dará desinencia portugueza; serão citados entre parenthesis e em grypho, na forma original, em seguida ao nome vulgar, o nome generico sempre com inicial maiuscula, o nome especifico sempre com inicial minuscula (ainda que o vocabulo que lhe deu origem seja nome proprio).*

a) Podem ser aportuguezados os nomes genericos de seres bastante conhecidos ou citados, mas que ainda assim não logram denominação equivalente em linguaagem commum. Observam-se neste caso as mesmas normas etymologicas que regem a derivação dos substantivos do latim clasico.

S. Paulo **RODOLPHO VON IHERING**

Nota bibliografica: O artigo "Cães e veados", publicado na Revista do Brasil, é uma transcrição (de autoria de F. Badaró) de um trecho proveniente de uma obra biográfica do Padre José Gonçalves, escrita por D. Joaquim Silvério (Bispo de Diamantina). É a narrativa de uma caçada de veados no município de Caeté (Badaró, 1917).

1921: RODOLPHO VON IHERING TRATA DE NOMES VERNÁCULOS ESTRANGEIROS.

Embora ignorados mesmo pelos especia-

listas, vários nomes europeus acabaram absorvidos nas denominações populares de animais brasileiros. É esse assunto que é focalizado por Ihering (1921), onde 16 verbetes "europeus" são considerados como ab-

sorvidos (ou quase) pelo linguajar cotidiano dos brasileiros. Quase todos eles acabaram preservados no uso leigo do dia-a-dia e o registro histórico de seu uso, passa a ser ainda mais relevante por esse motivo.

ANEXO 3. Transcrição de "Vocabulario zoologico com accepções brasileiras diversas das portuguezas" (Ihering, 1921).

LEXICOLOGIA

VOCABULARIO ZOOLOGICO COM ACCEPÇÕES BRASILEIRAS DIVERSAS DAS PORTUGUEZAS

Interessante contribuição ao estudo da "lingua brasileira", é esta que nos remette nosso prezado colaborador sr. RODOLPHO VON IHERING. Só resta que, com a sua competencia na especie, continue a esclarecer tantas duvidas existentes na nomenclatura popular das especies vegetaes e animaes.

Em seu precioso trabalho - *O Dialecto Cai-pira*, Amadeu Amaral refere-se á pag.46 ás palavras portuguezas que têm soffrido aqui mudanças mais ou menos proffundas de sentido.

Rebuscando o meu *Diccionario da Fauna do Brasil*, encontrei um certo numero de vocabulos nestas condições. Taes são:

AVESTRUZ - accepção portugueza: a grande ave africana *Struthio camellus*. No Brasil, vulgarmente designa tambem a 'ema' ou 'nhandú' (*Rhea americana*) muito menor.

CODORNA - acc.port.: ave auropéa da familia *Phasiamideos*. No Brasil não ha especies da familia supra; mas, por se assemelharem vagamente ás codornas europeas, aqui têm o mesmo nome as especies do genero *Nothura* (fam. *Tinamideos*, á qual peterncem tambem os 'inambús).

CORVO - acc. port.: passaro europeu da fam. das gralhas. No Brasil os portuguezes e os 'letrados' designam assim, impropriamente, as aves de rapina que o povo conhece pelo nome indigena 'urubú'.

COTOVIA - acc.port.: passaro europeu. No Brasil dá-se tambem esse nome aos pas-

saros indigenos do gen. *Anthus*, conhecidos na roça por 'Caminheiro'.

CROCODILO - acc. port.: reptil africano. É errado dar tal nome aos reptis semelhantes da nossa fauna, aos quaes cabe o nome de 'jacaré'.

ENGUIA - acc. port.: peixe europeu (*Anguilla*). A verdadeira enguia não existe no Brasil; ha aqui 'moreias' e o 'mussum' da agua doce, mas nenhuma destas especies equivale, como prato, á enguia verdadeira.

LOBO - acc. port. *Canis lupus* da Europa. A especie brasileira, *Canis jubatus*, tem nome indigena já incorporado ao lexicon brasileiro: 'guará'; pois é errado dar-lhe a denominação usada para a espécie europeá, bem diversa.

MACACO - a palavra portugueza é de origem africana e desgina propriamente os simios catharinos. Os nossos simios são todos platirrhinos. Creio, porém, que não cabe critica a esta applicação do vocabulo pois ella hoje equivalle, tambem em Portugal, á denominação scientifica: 'simeo'.

MELRO - acc. port.: passaro europeu que não tem especie propriamente equivalente na nossa fauna. Dá-se tambem esse nome ao passaro brasileiro mais conhecido por 'soldado'.

OURIÇO - acc. port.: mamífero da ordem dos insectivoros, ordem essa que não tem representante na fauna sulamericana. Veja-se tambem 'Porco-espinho'.

PARDAL - acc.port.: passarinho europeu (*Passer domesticus*). Ao nosso 'tico-

tico', por snobismo, ás vezes dão o nome de seu primo de além-mar, com o qual aliás se parece por gostar da vida turbulenta das cidades. Como o pardal verdadeiro já se acha acclimatado em algumas regiões do Brasil, é evidente que tal confusão deve ser evitada.

PERDIZ - acc. port.: ave da fauna europeu da fam. *Hystricideos*, extranha á* não tem representantes legitimos no Brasil. A ave brasileira á qual damos o mesmo nome pertence, como a codorna, á fam. *Tinamideos*.

PORCO-ESPINHO - pequeno roedor europeu da fam. *Hystricideos*, extranha á fauna brasileira. O mamífero ao qual ás vezes entre nós se dá esse nome é o 'Ouriço caixeiro' ou 'Coendú' ou 'Cuim' da lingua indigena (*Coendu villosus*).

RAPOSA - acc. port.: Canideo da fauna europeá. No Brasil esse nome é erroneamente applicado ás especies indigenas do mesmo genero, isto é, os 'cachorros do matto' ou 'grachains' e tambem aos 'gambás' ou 'sarués', marsupiaes.

TIGRE - acc. port.: felino asiatico. Não é raro vermos este vocabulo usado como synonymo de 'onça', especie indigena muito diversa da congener asiatica.

VIBORA - acc. port.: cobra europeá, venenosa, do gen. *Vipera*. As nossas cobras venenosas pertencem a familias muito diversas e portanto é erro com relação á nossa fauna emprestar á palavra 'vibora' a significação generalizada de 'serpen-

tes'. O povo do interior conhece por vi-
boras certos lacertílios inoffensivos.

*

Quem faz a língua é o povo e esse dis-
pensa os conselhos do zoólogo. Commen-

temos pois só pelo prazer da analyse. *Co-
dorna, Macaco, Perdiz* continuarão com
as duas acepções por falta de vocabulos
equivalentes generalizados. *Avestruz, Lo-
bo, Raposa* serão usados assim: 'avestruz,

digo ema' ou 'raposa, quero dizer gambá'.
Os erros cometidos mais pelos letrados:
corvo, pardal, crocodilo, tigre, com o tem-
po serão corrigidos por influencia dos con-
selhos escriptos.

Nota bibliográfica: *. O equívoco de concordância aqui notado é decorrente de erro tipográfico: a segunda linha do verbete "Porco-
espinho", foi inserida no verbete anterior (cf. trecho grifado em "Perdiz"), cujo conteúdo original deve ser considerado perdido.

Esses artigos selecionados de Ihering reme-
tem-nos não somente à sua importância no con-
texto lingüístico da História do Brasil no início
do Século 20, mas à disposição pela produção
de documentos de divulgação por estudiosos
do ramo. Não obstante, passa a ser curioso
que, até o presente, tenham sido tão poucos os
autores (*vide* por exemplo Fausto-Filho, 1989)
que se debruçaram sobre a obra de Ihering, ain-
da que sua contribuição à divulgação das ciên-
cias biológicas no Brasil tenha sido uma das
mais efetivas e duradouras de todos os tempos.

Como se observa mediante o que está aqui
apresentado, o estudioso também buscava nor-
matizações da língua técnica, sendo provavel-
mente o primeiro intelectual brasileiro que is-
so levou tão a fundo e usando um estilo tão am-
plo de redação. Não há dúvida, por exemplo,
que várias de suas obras acabaram nas biblio-
tecas mais humildes do Brasil, servindo-se de
fonte para trabalhos escolares de várias ida-
des, as quais contavam, em geral, apenas com
livros versando sobre faunas não-brasileiras.

De sua geração, outros pesquisadores tam-
bém buscaram produzir tratados ou compên-
dios zoológicos voltados à fauna brasileira, ge-
ralmente voltados ao suprimento de conteúdo
dos cursos escolares do ensino contemporâ-
neo. São famosos os exemplos de M.Bomfim
e o "Compendio de Zoologia" de 1903, Cândido
de Mello-Leitão e seus "Elementos de
Zoologia" de 1917, Etienne Brasil e sua "His-
toria Natural applicada ao Brazil" de 1921, de
Alípio de Miranda Ribeiro e as "Noções
syntheticas de Zoologia brasílica" de 1924,
bem como das importantes obras didáticas de
Waldemiro Potech. Mas essas obras distin-
guem-se claramente do estilo usado por Ihe-
ring, que buscava um outro público.

O seu exemplo como divulgador apenas
prosseguiu graças a outros esforços, como o
de Eurico Santos a partir de 1938 no clássico
"Da ema ao beija-flor" que alavancou a edi-
ção de vários outros livros sobre a fauna bra-
sileira (Oliveira, 1978; Nomura, 1997). Um
pouco mais recentemente poderíamos citar
Helmut Sick no livro "Aves" (publicado na
década de 60 pelo Ministério da Educação e
Cultura) e no "Atlas da fauna brasileira" de
1978, cujo capítulo sobre beija-flores é de
autoria (não creditada) de Augusto Ruschi
(A.Ruschi, 1982, com.pess.).

De fato, há muito tempo não se vê obras
abrangentes, visando o público geral e sobre as-
suntos gerais em Zoologia. Nesse sentido, algo

que parece mais sentido diante de todo esse pa-
norama é a inexistência de uma edição revisada
e atualizada do "Dicionário dos animais do Bra-
sil" que, desde sua primeira versão, em 1914,
apenas sofreu reimpressões, sem qualquer alte-
ração de conteúdo ou de atualização nomencla-
tória. Com isso passa a ser valiosa e ansiosa-
mente aguardada a colaboração de Nelson Pa-
pávero e Dante M.Teixeira no dicionário que se
encontra em preparação há vários anos, e que
deverá apresentar quase 40 mil verbetes citados
em mais de 6.200 fontes bibliográficas desde
do Século 16 (Garcia, 2006). Pode ser uma no-
va fase na popularização, cientificamente emba-
sada, da rica biodiversidade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABL. 2006. **Sócios correspondentes**. Hipertexto no si-
te da Academia Brasileira de Letras, disponível
online em <http://www.academia.org.br>; acessado
em 30 de novembro de 2006.
- Amaral, A. 1916. O dialecto caipira: II. formação do vo-
cabulario. **Revista do Brasil** 1(3):119-130.
- Amaral, A. do. 1976. **Linguagem científica**. São Pau-
lo, Conselho Federal de Cultura, Unicamp,
UFRJ, Fundação UnB, Secretaria de cultura, Ciên-
cia e Tecnologia de São Paulo. 297 pp.
- Badaró, F. 1917. Cães e veados. **Revista do Brasil**
2(4):147-150
- Fausto-Filho, J. 1989. Sobre os crustáceos decápodes
referidos por Rodolpho von Ihering no seu Dicio-
nário dos animais do Brasil (1942). **Ciência Agro-
nômica** 20(1/2):53-57.
- Figueiredo, [A.] C. de. 1917. **Novas reflexões sobre a
língua portuguesa**. Lisboa, Livraria Clássica Edi-
tora. 326 pp.
- Figueiredo, [A.] C. de. 1921. **Falar e escrever: novos
estudo práticos da língua portuguesa ou consultó-
rio popular de enfermidades da linguagem**, Volu-
me I; 3ª edição, melhorada. Lisboa, Livraria Clás-
sica Editora. 335 p.
- Fonseca, F.V. P. da. 1998. **Os melhores dicionários de
português**. Hipertexto, disponível online em
<http://ciberdividas.sapo.pt/diversidades/0598.htm>;
acessado em 30 de novembro de 2006.
- Garcia, R. 1929. Nomes de aves em língua tupi. **Bole-
tim do Museu Nacional** 5(3):1-54. [A obra origi-
nal, que não tivemos acesso, tem o mesmo título;
a que aparece aqui citada é uma reimpressão].
- Garcia, R[afael]. 2006. **Zoólogos fazem dicionário sobre
os animais do Brasil**. Matéria jornalística de 19 de ju-
lho de 2006; homepage da Unversia URL:
<http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_deceg.html> acessada em 9 de julho de 2007.
- Holtus, G.; Metzeltin, M. & Schmitt, C. (eds). 1994. **Lexi-
kon der Romanistischen Linguistik (LRL)**.
Volume 6(2). Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
Disponível online em <http://www.institutocamoes.pt/CVC/hlp/biblioteca/lexicon3.pdf>;
acessada em 1 de dezembro de 2006.
- Houaiss, A. e Villar, M.S. 2001. **Dicionário Houaiss
da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed.Objeti-
va. 2922 pp.
- Ihering, R. von. 1916. Dicionarios portugueses. **Re-
vista do Brasil (Factos e Ideias)** 1(2): 76-81.
- Ihering, R. von. 1917. Os nomes zoológicos em portu-
guez. **Revista do Brasil** 2(4):282-290.

- Ihering, R. von. 1921. Vocabulario zoologico com ac-
cepções brasileiras diversas das portuguesas. **Re-
vista do Brasil (Debates e Pesquisas)** 63:263-264
- Ihering, R. von. 1968. **Dicionário dos animais do Bra-
sil**. São Paulo, Editora UnB. 790 p.
- Moure, J.S. & Travassos, L. 1947. Notas sobre a no-
menclatura dos grupos superiores a gênero. **Pu-
blicações Avulsas do Museu Paranaense** 4:1-19.
- Nascentes, A. 1921. Variante carioca de um subdialecto
brasileiro. **Revista do Brasil** 65: 134-138.
- Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia brasileira**. 2ª
edição (Volumes I-V reunidos em dois volumes).
Volume I. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado.
Coleção Mossoroense, Série C, Volume 931.
- Oliveira, R.G. de. 1978. Eurico dos Santos: vida e obra
(1883-1968). **Natureza em Revista** 5:8-9.
- Straube, F.C. & Seripieri, D. 2007. A resenha de Cândido
de Figueiredo ao "Nomes de aves em língua
tupi" de Rodolfo Garcia e notas bibliográficas sobre
esta obra. **Atualidades Ornitológicas**
135:28-29 (resumo). Versão na íntegra online em
<http://www.ao.com.br/download/figueire.pdf>.
Acessada em 2 de julho de 2007.
- Taunay, A. d'E. 1914. Lexico de lacunas: Subsídios para os
dicionarios da lingua portugueza. Lexico de termos
vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no estado de
São Paulo, e de accepções de numerosos vocabulos,
ainda não apontados nos grandes dicionarios da lin-
gua portugueza. Tours, E. Arrault e Cie.; 5 vols, 223 p.
- Taunay, A. d'E. 1924. **Vocabulario de omissões** : Col-
lectanea de milheiro e meio de palavras correntes
no Brasil, e em Portugal, não registadas [!] na ter-
ceira ed. do Novo dicionario da lingua portugue-
sa do Sr. Candido de Figueiredo. S.e..
- Taunay, A. d'E. 1925a. O snr. Candido de Figueiredo e a
ecologia. **Revista do Brasil** 113:55-63.
- Taunay, A. d'E. 1925b. A Chimica Mineral no "Novo
Dicionario" do snr. C. de Figueiredo, em terceira
edição. **Revista do Brasil** 27(109):5-12.
- Taunay, A. d'E. 1925c. A Chimica Organica no "Novo
Dicionario da Lingua Portugueza" do snr. Can-
dido de Figueiredo, em terceira edição (1923). **Re-
vista do Brasil** 28(110):109-117.
- Taunay, A. d'E. 1925d. A Chimia Organica na terceira
edição do Novo Dicionario da Lingua Portugue-
za de autoria do sr. Candido de Figueiredo (192).
Revista do Brasil 28(112):301-309.
- Taunay, A. d'E. 1926. **Reparos ao Novo Dicionário de
Candido de Figueiredo**. Tours, Arrault e Cie. 111 p.
- Taunay, A. d'E. 1927. A terminologia zoológica e cien-
tífica em geral e a deficiência dos grandes Dicio-
nários Portuguezes. **Revista do Museu Paulista**
15(2):275-383.
- Taunay, A. d'E. 1928. **Insufficiencia e deficiencia dos
grandes dicionarios portuguezes: polemica
com o snr. Candido de Figueiredo**. Tours, Arrau-
lt e Cie. 156p.
- Taunay, A. d'E. 1932. **Inópia científica e vocabular
dos grandes dicionarios portuguezes**. São Pau-
lo, Imprensa Oficial. 182 p.
- Vasconcelos, J.L. de. 1891a. As "lições de lingoa-
gem" do sr. Candido de Figueiredo: analyse cri-
tica. Lisboa, Tipografia d'O Dia. 60 p.
- Vasconcelos, J.L. de. 1891b. **O Galinho depenado. Ré-
plica às "caturrices" philologicas do sr. Candido
de Figueiredo**. Lisboa, Tipografia d'O Dia. 52 p.
- Velloso, M.P. 2005. Falas da cidade: conflitos e nego-
ciações em torno da identidade cultural do Rio
de Janeiro. **ArtCultura** 7(11):159-172.

Mülleriana: Sociedade Fritz Müller de
Ciências Naturais, Curitiba - Brasil.

Comitê Brasileiro de Registros Ornitoló-
gicos/CBRO

E-mail: urutau@mulleriana.org.br